



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Palo Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesse

Guimarães, 2 de Abril de 1916

O Pardal implume

O Pardal tem a subida honra de cumprimentar V. Ex.^ª, e deseja que tenha a mesma saúde, que elle apresenta, ao fazer desta sua apresentação: julgo-me apresentado...

Perdão ao leitor, de procurarmos uma ocasião tam má, para lhe apresentarmos o nosso modesto *Pardal*.

Quando pensamos na publicação da nossa gazeta julgamos péssima a ocasião de enveredar pela risota, visto que o momento trágico que atravessamos nos pede mais lágrimas do que galhofas, mais tristezas do que graçolas.

Mas se a guerra nos traz o tédio e por vezes

nos aviva saudades de outros tempos, como poderemos nós abafá-las, senão fôr a leitura de um bom naco de *verbe* do nosso Guedes de Oliveira?

Quantas vezes, embebidos na leitura de scenas horribéis, em que homens se degladiam como feras, nós não teríamos o desejo de rir um bom bocado... ou por outra... rir até rebentar as pré-guinhas! E então nós, que temos um coração de criança, nós, que temos o sentir da mariposa — ainda que muito a fustiguem não se lhe sente um gemido. Onde encontrarás tu, leitor amigo, um povo como o nosso? Não trepida! Avança. Não

chora!... ri... E ri tanto na sua desgraça, como na sua opulência.

E é por isso que a nós, ontem como hoje, amanhã como depois, nos encontrarás com o mesmo sorriso. Rimos ao toque do clarim, na alvorada, no avançar, no fogo, rimos até na própria morte.

Como hás de ser grande oh! povo heróico, quando a morte te procurar na guerra, e tu, a rires da tua valentia, dirás: — **Sou eterno porque sou de Portugal.**

Reflexão atrevida.

— Uma mulher é como um automóvel. Tê-la não é nada, mantê-la é que é o diabo...

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantora tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

I

Não te falo quando quero,
Falo-te só quando calha;
A prova que há muitos sábios
Está no preço da palha.

II

Tenho um barrete de seda,
Todo bordado a matiz;
Há quem não diz o que pensa
E quem não pensa o que diz.

III

Hei-de colher a verbena,
Que nasce no mês d'Abril;
P'ra uns as leis são de saco,
P'ra outros são de funil.

IV

Um galo cantar de cuco,
Foi coisa que nunca vi;
Antes de falar dos outros
Cada qual olhe p'ra si.

J. BREJEIRO.

O Pardal na guerra

Consta-nos que, devido ao actual estado beligerante, se vão oferecer os cidadãos: Augusto Fernandes, para a telegrafia; Dr. Guilhermino Rodrigues, para a cruz vermelha; J. Rodrigues Loureiro, para engenharia; Carlos Machado, para artilharia; Almério Ferra e Alberto Costa, para cavalaria e para a arma de infantaria o José Freitas como comandante de batalhão.

O PARDAL NA MUDA

Dr. Amilcar de Sousa

Clínica geral

Publicamos o annuncio de borla e tomamos a honra de vos informar, gentis leitoras.

V. Ex.^{as} julgam, talvez, que o nosso Doutor lhes encherá o estomago de drogas, ou a barriga com papas de linhaça!... Longe d'isso...

Nós já estamos a vêr sua Excelencia no seu consultório, depois d'uma refeição de grelos ao natural...

—De que se queixa V. Ex.^{as}...

—Dores de cabeça... pernas... má disposição...

—Isso não tem importância alguma...

(O Doutor péga no *book-notas* e zás, pespega-lhe com a seguinte receita):

Duas gramas de cascas d'alhos.
Um centigrama de azeite virgem.
Sumo de dois limões.

Toma-se às colheres de café de quarto em quarto de hora e agite quando usar.

Nova cliente:

—Oh! Doutor...

—Como passa V. Ex.^{as}?

—Bastante mal... Sinto-me anémica...

Sua Excelência toda sorrisos:

—Isso não é grande mal, não se affija...

Avança para a sua secretária feita de pau preto e ainda pela segunda vez, escreve nova receita:

A's oito da manhã, dois banhos de imersão.

A's duas da tarde, um banho de sol.

De maneira que a gentil cliente, lá tem, ainda que a muito custo, de subir ao quarto andar, trepar às águas furtadas, para se furtar aos

olhares de certos pardais, e colocar-se de papo ao ar, à espera do curandeiro e beneficiador—O sol.

E é assim que o nosso patricio cura todas as moléstias—**Clínica Geral.**

Desculpe-nos Doutor. Mas creiamos um amigo, usando o sistema *Kneip* e metendo para a tripa, não camadas de bifés—mas sim, omeletes de ovos com cebola...

Cebola, Doutor, cebola...

JACINTO.

O PARDAL NA CANTIGA

Todo o patriota berra,
Seja homem ou mulher,
Até mesmo sem querer,
Que Portugal vai p'ra guerra.

Ai... ai

Oh! que coisa tam catita,
se se fica,
Não se vai,
se se vai, já não se fica.

Se qualquer govêrno cai,
E vem outro Nacional.
Dizem logo que Portugal,
Desta vez sempre lá vai.

Ai... ai

Oh! que coisa tam catita.

Se Afonso diz que sim
O Camacho diz que não,
O Tone Zé êsse então,
Diz que não e diz que sim.

Ai... ai.

Oh! que coisa tam catita.

Um senhor visitando um asilo de loucos, vê um pobre diabo quieto, socegado, com um ar perfeitamente normal. Suspeitando que não fôsse um doido, perguntou-lhe:

—Quem é você?

E o outro responde:

—Sou o Padre Eterno.

O PARDAL NO NINHO

Cedeu-nos a Primavera, no passado domingo, dois metros de sol, para que a nossa habitação— a arvore—tivesse a sua festa e a petizada o gôsto de mostrar ao público as suas meigas vozes.

Já não era sem tempo, visto que, a prolongar-se a friagem e a chuvazinha não teria eu o gôsto de ouvir o meu:

Piu... piu... piu...
Piu .. piu... piu...

eterno e que o público apreciou sorrindo dos meus gorgeios, embora imitado por criancinhas.

Reparai e vêde, quanto deveis aos passarinhos; a graça que tem o seu cantar, como vos deleitais ao ouvir as suas canções.—Há quem nos queira tam mal (!)—O caçador—que contra nós humildes avezinhas, emprega a pólvora e o chumbo para a nossa destruição, tal como na guerra para exterminar homens.

Para vós caçadores o meu desprezo e para ti Alemanha todo o meu ódio.

UM PARDAL COM PENAS.

O Pardal na secção de carapuças

I

Dás esmolos com frequência,
e quem te não conhecer
há de julgar e dizer
que és um santo consumado.
Pois nem que tu dês o dobro
não chega, meu grande traste,
ao juro do que roubaste
p'ra armars em homem honrado.

JOÃO BREJEIRO.

—Quando três homens se unem
para governar uma nação, como
chama-se isto?

—Uma tripeça.

O Pardal para Mademoiseles

Aquela carta mimosa,
Cheia de dôr e queixume,
Soltava brando perfume,
Como se fôsse uma flor.
Desfolhei-a como a rosa,
Num doce meigo sorriso,
Ficando triste e indeciso,
Diante de tanta dor.

*
* *

Como o pardal, em busca de alimento, é trespassado pela seta do caçador, assim também eu, nos curtos momentos da vida, sou trespassada pela seta aguda das saudades.

*
* *

Assim como a lua formosa, aparecendo no firmamento, dissipa as trevas, enviando à terra seus raios. Assim a luz bela dos teus olhos dissipa a noite tenebrosa do meu coração.

*
* *

Devemos ter esperança, mas não demasiada no futuro, porque muitas vezes, quando esperamos risos e alegrias, êle traz-nos lágrimas e dores.

*
* *

O beijo é a explosão de um sentimento acrisalado no âmago do coração, que num momento se expande e vem brilhar ao flux dos lábios.

*
* *

Assim como surge o sol para fecundar o mundo, brota nos corações o amor, para fortalecer o espirito.

*
* *

A esperança é um cofre, grande como o espaço, belo como o azul do mar, radiante como as constelações do firmamento, em que se guardam as desilusões da vida, os sorrisos e as lágrimas.

O Pardal no dicionário

Acta—Uma coisa que se lê, antes da bodéga;

Activo—(homem). O Snr. Leote do Rego;

Actor—Menino que nos leva a massa com beneficios;

Actriz—Um palmo de cara, que nos leva os olhos da dita;

Actual—(estado). Aliadófilos;

Açucar—Certa matéria, que está pela hora da morte;

Aderecista—O Eduardo Passos;

Adeantamentos—Cantigas que já lá vão!;

Adega—Sanctuário do pi-fão;

Adiposo—O Cónego Zé;

Administrador—Uma carinha toda cumprimentos e mais alguma coisa;

Admiração—(são uma). Os feitos dos aliados;

Adoçar—O que certas madamas nos fazem para a gente ir no andar;

Aduelas—(tem falta de). Um cidadão que conhece todo o mundo, *nonvásticamente*;

Aereos—Os planos de certos maduros;

Afagar—Levar a bebida;

Afamada—A zurrapa do P. de Freitas;

Aferrolhar—Pôr em sitio seguro.

Afroixar—Meter travões;

Agonia—(estar na). Momento de esticar o canelo;

Agosto—Mez em que a gente todo se deleita.

DR. XABREGAS.

O Dr. X... é chamado para tratar de um menino de quatro anos que adoeceu. Depois de o ter examinado, o Dr. X... faz a seguinte recomendação aos pais:

—E' preciso evitar-lhe qualquer preocupação, não o deixar tomar café nem alcool, e principalmente impedir que fume por enquanto!

O Pardal no cine

FITA A. M.

Argumento

Faz drogas nas horas vagas.
Este ilustre cidadão;
Cura anemias 'té chagas.
Em bilhar é um figurão.

Mas se perde, santo Deus...
Arma tamanho banzé,
Que se ouve lá nos ceus,
Faz trejeitos, bate o pé.

Mas no resto é um bom home'
E consegue boas cunhas;
Quando se julga com fome,
Desata a roêr as unhas...

PIROLITO QUE BATE...

O Pardal à luz da lua

Marcirio Belo Barreto
Canta o fado à sua bela,
Que o escuta da janela,
Tendo ao lado um gato preto.

E' noite escura... Marcirio,
Tange a guitarra que chora,
E pede o orvalho da aurora
Para as pétalas dum lírio...

Nisto, qualquer coisa sente
Que o molha e fêre no olfato!
—«Cuspiste?»—diz de repente:
«Não—volve ela,—«Foi o gato!»!

EGAS-PAR.

No Jardim Zoologico.

—Mamãe... eu quero montar
no camelo!

—Fica quieto, Toninho...

—Eu quero montar no camelo...

—O' Juca, diz então a senhora
ao marido, faz a vontade ao pe-
queno. Deixa que êle trepe nas
tuas costas e dá uma volta com
êle.

O Pardal no amor

Para uma mulher:

- Aos 15 anos: Um livro desconhecido.
" 18 " Um livro para ser com-
prado.
" 21 " Um livro a folhear.
" 25 " Um livro já lido.
" 30 " Um livro em segunda
edição.
" 35 " Um livro com muitas no-
tas à margem.
" 39 " Um livro que não se con-
fessa ter lido até ao fim.
" 40 " Um livro que se relê.
" 45 " Um livro descosido.
" 50 " Um livro sem capa.
" 55 " Um livro com as folhas
rasgadas.
" 69 " Um livro totalmente es-
quecido.
" 80 " Um livro que se empres-
ta ao neto.

Para um homem:

- Aos 15 anos: A amiga da irmã.
" 18 " A criada do vizinho.
" 21 " Uma mulher dosquarenta
" 25 " Qualquer saia.
" 30 " A mulher que se escolhe.
" 35 " A mulher que o escolhe.
" 40 " Uma mulher de 20 anos.
" 45 " Uma mulher que o tolera.
" 50 " Uma mulher que o faz
sofrer.
" 55 " Uma mulher que o engana
" 60 " Uma mulher que o ex-
plora.
" 70 " Uma simples visão.

O amor é a eterna caça à ave do
paraíso do sonho.

BOA RESPOSTA

Pergunta um filho a Calino:

—O' papá, que vem a ser
Sociedades anónimas?

—Isso é fácil de saber—

responde o bom do pateta
com toda a desenvoltura:—
São sociedades que escrevem
Cartas sem assinatura.

FELIZ.

A Assistência Nacional dos Tuberculosos

publicou um folheto intitulado:

Aforismos populares para a defesa
contra a tuberculose

Aí vão alguns para amostra:

O beijo mais inocente
pode ao são, tornar doente.

Pois eu tenho uma vizinha
Que se beijar-me quizesse
Nem de morrer m'importava
Co'os beijos que ela me dêsse.

Casa não desinfectada
tem logo a morte, à entrada.

Isto é paródia à cantiga
que resa desta maneira:
Quem tem o amor careca,
tem a morte à cabeceira.

Em fructa não descascada
Não lhe dês uma dentada.

Pois certa môça eu conheço,
que traz tal fruta consigo,
que é de se lhe chamar um figo
a fruta tão excelente.
Eu não sou muito guloso,
nem por fruta me alvaroço,
mas vai casca e vai caroço
se um dia lhe boto o dente.

Pelo escarro mais gente tem morrido
que nas guerras que tem no mundo hávido.

Se isto assim é, que reforma
Na guerra não vai haver!
Dês que basta p'ra vencer
levar escarro consigo,
a gente marcha p'ra a guerra
como quem vai de passeio,
e depois escarra em cheio
nas ventas do inimigo.

JOÃO BREJEIRO.

D. Enfrásia tem a mania de
usar termos fora de propósito.

Há dias, um conhecido pergun-
tou-lhe:

—A senhora vai à *soirée* de
sua comadre?

—Não posso. O meu Zeca que
tem seis meses ainda é um *ma-
mifero*.

!!!

Homenagem

A

EDUARDO ALMEIDA



Um ano rolou já sôbre o seu falecimento, e no entanto parece que ainda o estamos ouvindo, com a sua voz franca e sincera, defender os interêsses desta terra, no nosso teatro, a quando da questão da integridade do concelho!

Como o tempo foge!

Les morts vont vite, é certo; contudo Eduardo Almeida não esqueceu, vive e viverá sempre na alma de todos os vimaranenses, no coração de todos os que o estimaram e respeitaram, já como amigo dedicado, já como pai amantíssimo, já como cidadão extremoso pela sua terra e pelos seus queridos operários...

Que o digam êstes últimos, que sempre encontraram nele um protector desvelado, um verdadeiropai, e que ainda não há muito foram de romagem até ao cemitério prestar-lhe uma homenagem sentida, que constitue o melhor e mais honroso elogio de Eduardo Almeida.

O Pardal cumpre pois um indeclinável dever agora que um ano é já passado: desfolhar algumas saudades sôbre o seu túmulo e algumas lembranças sôbre a sua memória

que será sempre respeitada por todos!
Que descance em paz!



O PARDAL CÁ POR CASA

Amigo Jacintinho:

Já noite fachada recebi seu telegrama e ao mesmo respondo breve, embora não telegráficamente. Preocupadíssimo com mil desventuras e mais uma chamada *telha* não pude arranjar *alpiste* que o «Pardal» gostasse.

Se, porém, metade finalizarem das desventuras embora não desapareça em mim a *telha* como em heroicos, históricos e modernos tempos respectivamente, não desapareceu de Orestes, Alcmeon, Pytágoras, Sócrates, Pascal, La Fontaine, D'Alembert, Dangu e Mezerai, o telhudíssimo Mezerai que escrevia Historia à luz da candeia em pleno meio dia de verão; e ainda porque o número dos *telhudos* é infinito e quem os não quizer conhecer terá de aferrolhar-se em casa e quebrar o espelho;—terá o muito *humorístico* e *chilreador* «Pardal» um *semeador* assíduo, pois, com a devida vênia;—«Un sot trouve toujours un plus sot qui l'admire!»

E'NE I ZÊ.

No próximo número teremos caricaturas e novas secções. Desculpem os nossos colaboradores da falta de algum original, mas eu já me sinto com o papo bastante cheio; sairá no próximo.

Quereis uma bela caricatura? Visitai a exposição de Amarelhe na Sociedade Martins Sarmiento. E' de a gente cair a rir... a rir... a rir...

Exame de geografia.

- Onde fica o Mar Negro?
- Na costa de Africa.

O Pardal em ceara alheia

Vinha descendo a rua gentil dama quando nisto escorrega e—que arrelia!—sobre as pedras da rua faz a cama, pondo coisas gentis à luz do dia.

Um sujeito que perto ia passando em lugar de tratar de a socorrer, fica mudo e parado, contemplando O que a pobre senhora expõe, sem querer.

Esta erguendo-se e vendo-o, embasbacado, a olhá-la co'um ar todo matreiro, inveciva-o, num tom exasperado:—Ah! o senhor não é um cavalheiro!

—Sim, não serei—responde-lhe o sujeito—mas por tudo que acabo de dar fé, —p'ra lhe dizer me julgo com direito, —que também Vosselência não o é.

ESSE E ERRE.

Num dia de chuva torrencial.

—Minha senhora posso oferecer-lhe o meu guarda-chuva?

—Não...

—Nunca pensei que uma creatura tão molhada pudesse dizer um *não* tam seco.

O Pardal na depenicadela

Lêmos algures, que na Alemanha já não há homens, dinheiro, munições, etc. Até que o próprio pão é comido por rações.

Porém aparece agora o Sr. Sidónio Pais a dizer que a Alemanha não luta nem com falta de homens, nem de caroço.

Imaginem com que nariz o Zé de Freitas ficaria ao lêr tais declarações.

Pergunta nos alguém se aquê le amor do Afonso Costa p'ró António Zé é verdadeiro.

Oh! filho! pois tu ind'ó duvidas?

O amor, para ser amor, quer-se batidinho... sem ofensa ao fado batido.

Dizem que o Brito Camacho, ao saber que o *Tono Zé* apanhava o penacho, ficou vermelho como o do Cartaxo. Ouviram-no até dizer: se o apanho, racho-o.

Lobos—Dizem que em Cunheira e Barca de Amieira, os lobos teem feito estragos importantes; chegando a levar 20 cabeças de gado e um porco de 60 kilos.

Aquilo deve ser talvez por causa das subsistências...

Consta—Que a Alemanha, mandou construir à casa Krupp um morteiro de 840, para bombardear Pico de Regalados.

Já apareceram no Selho minas flutuantes; vai paralizar, devido a isso, o trânsito de barcos de tonelagem superior a 16 azeitonas.

—*Garçon, você não vê que está com dois dedos enterrados na sopa?*

—Muito obrigado. Mas não me incomoda. A sopa está fria.

O Pardal na gaiola

Perdão illustres cantores, perdão por ter caído; mas a fome já era tanta, tanta, que não tive remédio e à falta de milho, fui forçado a depenicar no pão, (pão que o diabo amassou) e cá estou.

Quem o havia de dizer, maldita ratoeira.

Mas se me falta o vosso lial convívio, em compensação, não me falta a mesa.

Não me falta painço, não me falta nada.

Eu sei que andam por aí pardais, bem mais felizes do que eu, que têm a honra de não precisarem do milho alheio; têm até de mais e podem vendê-lo à razão dos oito *camochos*. Mas tu, oh! **Zé Pardal**, repara bem que não é só com milho que enches a barriga aos teus passarinhos.

Lembra-te que o feijão sai todas as semanas deste concelho à razão de 500 alqueires, eu tive ocasião de ver, antes de me trazerem para este presídio onde apenas vejo a luz do dia.

Mas hoje digo e aviso-te para não seres mais roubado. Abre os olhos, que eu abrirei o bico para te dizer: Tem cuidado e faz-te pássaro bisnau, não queiras ser político na ocasião presente, repara pela tua querida pátria e pelos teus filhos, e vê que ainda podes vir a cair de fome. Lembra-te que estou aqui prêso por falta do que, a ti, te pode fazer falta um dia.

UM PARDAL LIBERAL.

O Pardal na galeria

Cine High-Life—Nesta casa de espectáculos teremos hoje «*O Altar do Amor*», fita de grande sucesso. Próximo domingo, 9, teremos «*O Prisioneiro de Zenda*».

Cine Chantecler—«*A vida de Cristo falada*» volta hoje a ter a sua reprize.

Várias

Já se encontra nesta cidade a Companhia Dramática Portuense, sob a direcção do nosso amigo Corrêa Peixoto. Agradecemos os cumprimentos.

No próximo domingo, 16, fará a sua estreia no teatro Gil Vicente, com o drama sacro «**Santo António.**»

OLHAR...

O teu olhar tem a doçura inédita das coisas tristes...

Lembra águas paradas a dormitarem em lagos misteriosos...

Lembra a tristeza das campas adormecidas à luz pálida do luar...

Lembra a agonia última dos tons crepusculares... lembra a derrocada da minha alma dorida de poeta...

Olhar onde o psaltério dos meus olhos gira...

Lago maldito onde naufragou a nau poderosa da minha alma...

Farol irradiante onde se queimaram os meus sonhos de môço como incautas mariposas...

Eu te amo... eu te odeio...

Olhar tendo a doçura de veludo... olhar tendo os instintos de hiena...

Porque fugiste de mim?...

Amôr não te pedia eu... não pede o verme microscópico—amôr à estrela fulgurante...

Piedade não te pedia... não pede a humilde ovelha desgarrada—piedade ao leão faminto do deserto...

Pedia, pedia a penas que a tua luz fulgente, fôsse a estola, sob a qual baixasse a neblinosa Morte—a ruína imortal de minha Vida!...

M. A.

Reflexão de um desiludido.

—O amor é como um dente; é preciso arrancá-lo quando começa a doer.

O PARDAL NO CARNET

Encontra-se entre nós o insigne caricaturista Amarelhe. Agradecemos os cumprimentos e esperamos que se não vá embora sem nos deixar uma grata recordação.

—Está gravemente enfermo o Sr. Manoel de S. Boaventura, pai do industrial Sr. José Lerdeira.

—Acentuam-se as melhoras do solicitador Sr. António José da Silva Ferreira que, em virtude dum desastre de que foi vítima na estação de Santo Tirso, tem estado em tratamento na Santa Casa da Misericórdia.

—Igualmente vai experimentando sensíveis melhoras o Sr. Domingos Leite de Castro, pai do Sr. Antonio Leite de Castro.

—Teve a sua *délivrance* a Sr.^a D. Emilia Matos, esposa do conceituado negociante da nossa praça, Sr. Camilo Larangeiro dos Reis.

Mãe e filho estão bons.

—Tem estado em Almeirim o Sr. Dr. Henrique Margaride.

—Com sua esposa encontra-se nesta cidade o Sr. José Marques Coelho, capitalista portuense. Sua ex.^a distribuiu os seguintes donativos: Oficina de S. José, Asilo de Santa Estefânia, Creche de S. Francisco e pobres da cidade, 100000 a cada uma; Conferência de S. Vicente de Paulo e Caixa de Socorros dos Operários Cortidores e Surradores, desta cidade, 50000 a cada uma.

Registamos com prazer este acto de benemerência.

—Com o concurso do distincto pianista, Sr. Américo Angelo, realisa-se no dia 6 de Abril no teatro D. Afonso Henriques uma sessão cinematográfica em benefício da Oficina de S. José.

—Faleceu o reverendo José António Fernandes Guimarães, pároco de Santa Eulália de Fermentões.

Foi um orador de reputação.

O PARDAL NA SECCÃO LITERARIA

Tristes Lágrimas

*Perdeu-se uma princesa certo dia,
E já sentia um desconsono estranho,
Mas acertou passar junto a um rebanho,
—O pastor foi a sua boa guia.*

*E, pela estrada fóra da ração
Um bom naco lhe deu de trigo e queijo,
Ao despedir-se dela deu-lhe um beijo,
Humilde beijo, em sua linda mão.*

*Então, quando a princesa branca e pura,
A' noite ela contava a aventura,
Entre risos de amáveis cavalheiros:*

*O pastor, enquanto ela isto contava,
Chorava, sem saber porque chorava,
Sobre a branquinha lã de seus cordeiros.*

1915.

LUÍS TEIXEIRA JACINTO.

OS TEUS OLHOS

*Quando deixei de ver teus olhos pretos,
olhos que me dão luz, a luz da vida,
volveu à terra a noite ennegrecida
e à minha mente a febre dos sonetos.*

*Comigo os pensamentos mais secretos
se amolgaram em massa confundida
caminhando em carreira desabrida
à busca de dois últimos tercetos.*

*E olhando, se no Céu distinguiria
a raivosa razão porque não via,
vejo as estrelas frias como abrolhos!...*

*Traição!... Bradei, na dôr que me reduz:
—Eu quero ver!... se vós não tendes luz
Passai o Ave, trazei-me aquêles olhos!—*

26—3—916.

R. E.

Na noite de Sonhos e Violetas

E o Sonho vai subindo, vai subindo, lá pela noite alta, entre crispações de frio, espreguiçamentos de paz, scintilações de estrelas, dealbações de claridades...

Já o luar se reclina, humilde e vaporoso sobre a Terra, cobrindo-a com seu manto de prata e de mistério...

Namorados ciciam... lábios distilam suspiros... corações se enternecem até à volúpia... almas se elevam, por essa noite fora, orando preces escandecidas de Amor, murmurando elegias doentes de Paixão, baladas fúnebres de Sentimento, no seu entusiasmo letal, enfermo, ardentemente delirante, esquecidamente nostálgico... E no entanto o Infinito dorme... Flores entreabrem suas corôlas delicadas em ósculos furtivos, e lá longe, num Som confu-

so, num tinir doce e suave, num carme delicioso, numa cadência euritmica, guitarras passam, sobre sombras, efêmeras esfinges, inspiraões aladas, evocando Saudades, desfolhando Ilusões, fanando cecens luarentas de Sonhos esquecidos...

Uma silhuete de Virgem aparece... e é então todo um trinar misterioso, é todo um poema nupcial, um epitalâmio de Dor, de Paixão, que das guitarras sai, numa prece até Deus lá no Céu delirante de luz, até aos Arcanjos no seu trono augusto de Inocência e Puteza, até aos mundos ignotos que rolam, num espasmo eterno, pela divina Imensidade...

E o pranto da noite—orvalho delicioso—começa de cair...

Já guitarras se recolhem, já corolas se fecham, já vozes de trovadores enamorados emmudecem...

A noite continua a chorar, blandiflua... porisso a Virgem

silentemente se recolhe em vidraças de cristal, pensando nos sons que já morreram, nas Saudades que hão de voltar, nos Amores que sempre hão de esquecer...

Amores... Amores... estremecei de Sonho! Trevas e sombras... palpitaí de infindas claridades!

Linda Mulher que te vais recolher... vai antes Sonhar! A última violeta que me deste também já tombou com o último halito do seu perfume dulcíssimo, no Sonho eterno das coisas que passaram e que para sempre morreram...

Noite... Vamos sonhar! Transporta-me nos teus braços sublimados, desta Treva imensa em que me sinto morrer sem sonhar, aos páramos gentis do Infinito astral, do Sempre Grande e Eterno, onde quero renascer, onde quero vibrar de Sonho e de Glória!

E. P.